

5

Conclusão

Buscando corroborar a hipótese segundo a qual o trabalho do luto se assemelha a alguns aspectos da experiência de uma análise, percorremos alguns textos da teoria freudiana que ensinam sobre o tema. Para tanto, valemo-nos, também, do ensino de Lacan sobre a noção de objeto, até o *Seminário 10: a angústia*, onde o objeto agalmático faz a passagem para o sentido novo de palea.

Face à relevância da perspectiva do objeto para nossa hipótese, enfatizamos a relação entre a angústia e a perda do objeto. Verificamos, então, sempre privilegiando nosso tema, o conceito de angústia, tal como Freud o concebe no início de sua obra e em seus avanços teóricos posteriores a 1920. A noção do objeto, tanto sob o prisma freudiano quanto sob o prisma lacaniano, foi desenvolvida em vários textos e seminários que, oportunamente, nos permitiram avançar em nossa hipótese.

Como resposta do sujeito à angústia produzida pela perda do objeto, ressaltamos duas diferentes soluções propostas por Freud e Lacan: o trabalho do luto e a melancolia.

No primeiro capítulo, tivemos como base o texto de 1917, “Luto e melancolia”, no qual Freud explicita uma aproximação e uma distinção entre estes dois termos, em função das conseqüências da retração da libido no ego. Foi necessário distinguirmos, então, qual é o objeto de que se faz o luto e como se processa este trabalho.

Além de “Luto e melancolia” (1917[1915]), visitamos outros textos, tais como, “Sobre o narcisismo” (1914) e “O ego e o id” (1923), onde se encontram alguns dos fundamentos da noção de objeto, do ego e da relação entre eles.

Sob a perspectiva freudiana, o trabalho de luto se processa em torno do objeto de amor em sua estrutura narcísica. Conforme palavras de Freud, em torno de um objeto real, de um ente querido.

Quanto à melancolia, Freud reitera, em 1917, a célebre metáfora, criada no “Rascunho G” (1895), da hemorragia psíquica, introduzindo uma outra que

exprime a condição do sujeito melancólico: a sombra do objeto caiu sobre o eu. Estas duas metáforas, por sua expressão viva da melancolia, são trabalhadas a cada vez que desejamos tratar desse tema. Tanto uma quanto outra traduz o esvaziamento do sujeito pela identificação com o objeto perdido. Sob esta condição, o sujeito melancólico, fixado ao objeto perdido, encontrará bastante dificuldade no percurso de uma análise, pois esta experiência, como vimos, implica em tornar contingente a relação com o objeto..

O capítulo dois foi dedicado à investigação da noção de objeto no ensino de Lacan. Nós o recortamos nos três registros propostos por Lacan para ordenar a experiência analítica – imaginário, simbólico e real – chegando, assim, à formulação do objeto *a*. Embora no *Seminário 10* já tenha sido assim tematizado, o objeto *a* terá seu conceito estabelecido, no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964).

Iniciamos, então, esta investigação, pela noção de objeto no campo do imaginário e, para tanto, nosso texto guia foi “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1938), artigo que situa a formação da imagem corporal do eu no campo especular. O objeto, aqui, é a imagem especular corporal do eu.

Com o esquema ótico, Lacan introduz na dialética especular o grande Outro – campo do simbólico – encarnado, por exemplo, pela mãe que nomeia a imagem revelada à criança num instante de júbilo. Lacan utilizará o esquema ótico em vários seminários e escritos que foram consultados ao longo desse capítulo, e fará dele um instrumento, entre outros, para situar o luto e a melancolia.

Outros seminários e escritos de Lacan nos orientaram na passagem da concepção do objeto teorizado no campo narcísico para a noção de objeto no campo do simbólico. No *Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1956), Lacan o inscreverá no âmbito da castração.

Nesse Seminário, Lacan desfere uma crítica afiada aos pós-freudianos e subverte a noção da relação de objeto apreendida pelos componentes da IPA. A crítica lacaniana recairá, justamente, sobre a idéia defendida pelos pós-freudianos de que haveria um objeto harmônico como prerrogativa da pulsão genital. A esta noção, Lacan oporá a noção de falta de objeto. Um objeto que, como resto da cadeia significante, falta ao ser falante. A este objeto que falta, ele dará o nome de falo. O falo é tanto o significante que nomeia o objeto como falta, quanto, na

vertente imaginária, é o nome da imagem que falta no espelho e produz a angústia de castração. O falo tem uma propriedade de significante, mas ele não é nada por si mesmo. Durante bastante tempo de seu ensino, especialmente até o *Seminário 10*, Lacan manteve esse objeto como condição necessária para manter o lugar de falta, de vazio estruturante.

A partir do *Seminário 10*, a noção de falo já não bastará a Lacan para teorizar sobre a clínica psicanalítica. O *Seminário 10* marcará, então, uma passagem fundamental em seu ensino, quando o objeto como falta – o falo – dará lugar ao objeto como causa de desejo (a). Esta nova perspectiva marca, de certa maneira, uma mudança de paradigma em seu ensino. Nessa passagem, opera-se uma queda da primazia do simbólico, quando, então, a angústia será a via de acesso ao real.

Nesse novo paradigma, a angústia, também teorizada sob novo prisma, não se refere mais à falta do Outro, mas à falta no próprio sujeito. A angústia não será mais sem objeto e é na sua irrupção que surge o *a*, fazendo sua entrada como presença de objeto. Nesse ponto, o trabalho de Lacan sobre a noção de objeto é fundamental para nossa dissertação, pois é a partir daí que Lacan teoriza sobre luto e melancolia.

Ao levantar a hipótese de que, paradoxalmente sua leitura sobre o luto é, a um só tempo, idêntica e contraditória ao prisma freudiano, Lacan nos diz que o luto é da imagem. Sob seu ponto de vista, trata-se de manter os laços simbólicos e imaginários com o objeto *a*, para fazer algo novo e diferente. Para Freud, como parece se tratar de um objeto real, os laços libidinais deverão ser desinvestidos.

O artigo “Sobre a transitoriedade” (Freud, 1917[1915]) e *O Seminário, livro 20: Mais Ainda* (Lacan, 1972-1973) foram nossa bússola no capítulo três. Ao alcançarmos, com Freud, a noção de transitoriedade do objeto como finitude, pudemos aproximá-la da categoria de contingência do falo, dado o caráter de fugacidade apresentado, tanto por uma quanto pela outra. Pudemos, então, assemelhar o trabalho do luto a alguns aspectos da experiência analítica. Ambos implicam em contar com a finitude do objeto, ao mesmo tempo em que a contingência torna infinitas as possibilidades que se abrem para a sua fruição. Nosso interesse em postular estas condições como um encaminhamento para um final de análise nos parece, assim, ter sido alcançado. Para concluir, entendemos

que o amor, de sua inclinação para fazer um, poderá se abrir à infinitude que o regime da contingência favorece.